A VERDADEIRA CRÍTICA HISTÓRICA.

Recebemos e estampamos a seguinte carta de d. Nícia Vilela Luz, assistente da Cadeira de História da Civilização Americana da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e membro da Comissão de Redação da **Revista de História**:

“Não tendo o **Suplemento Literário de O Estado de São Paulo** julgado oportuno acolher em suas páginas carta que enviei ao seu redator, a propósito de uma crítica do Sr. Wilson Martins (“Nacionalismo Econômico”, **Suplemento Literário** de 7-10-1961), aceitei o oferecimento da **Revista de História** para transcrevê-la. E’ a seguinte:

“Senhor Redator

Uma crítica objetiva, equilibrada, que não se limite a apontar as falhas, mas que saiba, generosamente, discernir as eventuais contribuições de uma pesquisa histórica, é sumamente proveitosa e estimulante para aqueles que ainda ensaiam os primeiros passos na arte de evocar o passado, aparentemente tão fácil, mas na realidade tão difícil. E’ lamentável, pois, que a crítica histórica continui a ser feita, no Brasil, por leigos no assunto, pouco entendidos na matéria, no seu objeto e nos seus métodos. Já ultrapassamos essa fase de autodidatismo e já existem entre os formados pelas nossas Faculdades de Filosofia profissionais competentes para exercer tal mister. Sugerem-me estas considerações os conceitos confusos que o Sr. Wilson Martins vem emitindo a respeito da História. Chegou mesmo a referir-se a uma “história sociológica” (**Suplemento Literário** de 23-9-61), termo que exprime noções tanto ou mais contraditórias do que o “centauro” a que se referia Burckhardt, isto é a filosofia da história.

No **Suplemento Literário de O Estado de São Paulo**, de 7-10-61, fui particularmente visada pelo Sr. W. Martins. Não pretendo, porém, responder aos seus ataques, nem tentar esclarecê-lo a respeito de afirmações minhas que ele levanamente falseou. Não o considero um crítico qualificado para merecer tal atenção. Não vim defender mi-

nha causa, mas a da História tão maltratada e tão pouco compreendida pelo polígrafo acima mencionado. Se o Sr. W. Martins sente ímpetos de vituperar o grupo nacionalista ao qual julga que pertence, creio que tem toda a liberdade de fazê-lo. Não tem, porém, o direito de servir-se da História, nem de uma modesta, mas concenciosa pesquisadora, para dar vazão à sua "ideologia" e às suas paixões. Reconheço, como aliás, sinceramente admite a historiografia moderna, que o historiador sempre reflete o presente em suas investigações sobre o passado. Não vivemos numa torre de marfim. E' o presente com seus problemas, seus conflitos, suas incógnitas que orienta nossas buscas. Outra coisa, porém, é utilizar-se da História para seus interesses, sejam individuais, partidários ou de classe. Seria inconcebível num verdadeiro historiador ou em quem esperasse a tornar-se tal.

Agradecendo a atenção que possa merecer,

Cordialmente subscrevo-me

(a.) Nícia Villela Luz.